

Excertos de McLaren e Giroux.

McLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

GIROUX, Henry. *Cruzando limites: trabajadores culturales y políticas educativas*. Barcelona: Paidós, 1997.

Multiculturalismo crítico e de resistência (na tradução espanhola do texto de Kincheloe e Steinberg, o conceito é vertido por “multiculturalismo teórico”):

“A partir da perspectiva do **multiculturalismo crítico**, a ênfase conservadora/liberal na igualdade e a ênfase liberal de esquerda na diferença formam uma falsa oposição. Tanto as identidades formadas na ‘igualdade’ quanto as formadas na ‘diferença’ são formas da lógica essencialista: em ambas, as identidades individuais são presumidas como autônomas, autocontidas e autodirigidas. O **multiculturalismo de resistência** também se recusa a ver a cultura como **não-conflitiva, harmoniosa e consensual**. A **democracia**, a partir desta perspectiva, é compreendida como tensa – não como um estado de relações culturais e políticas sempre harmonioso, suave e sem cicatrizes. O **multiculturalismo de resistência** não compreende a diversidade como uma meta, mas argumenta que a diversidade deve ser afirmada dentro de uma política de crítica e de compromisso com a justiça social. Ele tem de estar atento à noção de ‘diferença’. Diferença é sempre um produto da história, cultura, poder e ideologia” (McLAREN, 1997, p. 123, mudei um pouco a tradução).

“A perspectiva que estou chamando de **multiculturalismo crítico** compreende a representação de **raça, classe e gênero** como o resultado de **lutas sociais** mais amplas sobre signos e significações e, neste sentido, enfatiza não apenas o jogo textual e o deslocamento metafórico como forma de resistência (como no caso do **multiculturalismo** liberal de esquerda), mas **enfatiza a tarefa central de transformar as relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados**” (MCLAREN, 1997, p. 122).

“As posições conservadoras e liberais sobre a diversidade constituem, muito frequentemente, uma tentativa de compreender a cultura como um bálsamo calmante – o resultado da **discórdia histórica** –, uma espécie de presente mítico onde a irracionalidade do conflito histórico foram gentilmente solucionadas. Esta não é apenas uma visão ingênua de cultura, ela é profundamente desonesta. Ela ignora a importância do engajamento em alguns momentos em **dissensos**, a fim de contestar as formas hegemônicas de dominação e afirmar as diferenças” (McLAREN, 1997, p. 126, mudei um pouco a tradução).

“O pós-modernismo de resistência tem sido especialmente revelador na reformulação do significado de **diferença** enquanto forma de significação. **Diferenças**, nesta visão, não constituem zonas claramente delimitadas de experiência auto inteligível, ou uma unidade de identidade como são feitas na maioria das formas conservadoras e liberais de pluralismo cultural. Em vez disso, a **diferença** é compreendida por meio de uma política de significação, isto é, de **práticas de significação** que são tanto reflexivas quanto constitutivas de relações políticas e econômicas prevalecentes (Ebert, 1991b)” (McLAREN, 1997, p. 77-78).

“Enquanto resisto contra o privilegiamento de um **universalismo falso**, uma **falsa unidade** que nega as lacunas internas do desejo corporal, tanto educadoras como alunas e alunos precisam abrir-se para a possibilidade da **alteridade** de maneira que a particularidade do ser individual possa tornar-se **visível nas relações de poder e privilégio**. Os estudantes, especialmente, precisam ter a oportunidade de inventar formações do **eu diferentes** ao desmontarem e interrogarem as diferentes formas de segmentação discursiva que informam suas **subjetividades**. Subvertendo assim aquelas formas de **subjetividade** hierarquizadas e estratificadas que codificam a vontade, estarão abertas para novas montagens do desejo e maneiras de estar-no-mundo (Grossberb, 1988a)” (McLAREN, 1997, p. 96).

“A pedagogia crítica precisa construir uma práxis de identidade de fronteira na qual **sistemas binários** de pensamento (por exemplo: branco vs. negro) não organizem mais determinadas políticas” (McLAREN, 1997, p. 202).

Sobre a diversificação das diferenças, a visibilidade e a tomada da palavra.

“É importante destacar que os educadores críticos não podem se contentar simplesmente em cartografar o modo como as **ideologias** se inscrevem nas diversas relações da escolarização, seja no currículo, nas formas de organização escolar ou nas relações professor-aluno. Embora essas devam ser questões importantes para os educadores críticos, uma pedagogia crítica mais viável precisa ir além, analisando como as ideologias são realmente assumidas na vida e nas experiências de vida dos alunos na medida em que dão sentido aos sonhos, desejos subjetivos e posições onde habitam. Nesse sentido, os educadores radicais precisam criar condições para que os alunos falem, para que suas narrativas possam ser afirmadas e assumidas juntamente com a coerência e as contradições que caracterizam tais **experiências**. Mais especificamente, a questão das experiências dos alunos precisa a ser analisada como parte de uma política mais ampla de voz e diferença.

Como assinala bell hooks, trazer a voz significa ‘passar do silêncio para a palavra como um **gesto revolucionário** (...) a ideia de encontrar a voz ou de possuir uma voz assume primazia no discurso falado, na escrita e na ação. Só podemos falar enquanto sujeitos. Como objetos, permanecemos sem voz - nossos seres são definidos e interpretados pelos outros (...) A consciência da necessidade de falar, de dar voz às várias dimensões das nossas vidas, é uma maneira pela qual as mulheres negras iniciam o processo de educação para consciência crítica’ (hooks, *Talking Back*, p. 12-13). Isso significa que os educadores precisam abordar a aprendizagem não apenas como aquisição de conhecimento, mas como produção de práticas culturais que dão aos alunos um sentido de identidade, lugar e esperança. (...) Ao mesmo tempo, as vozes forjadas pela oposição e pela **luta** criam as condições cruciais pelas quais os indivíduos e grupos subordinados possam reivindicar suas próprias memórias, narrativas e histórias como parte de uma **luta coletiva contínua** para desafiar as **estruturas de poder** que tentam silenciá-los” (GIROUX, 1997, p. 200).